

Parque estadual do Utinga e a formação de novos condutores de turismo de aventura na Amazônia

Utinga State Park and the training of new adventure tourism drivers in the Amazon

El Parque Estatal Utinga y la formación de nuevos conductores de turismo de aventura en la Amazonía

Marcos Augusto Carvalho Pereira ¹
Ariadne da Costa Peres ²

Resumo

O objetivo desse artigo é compreender a articulação da formação de condutores de turismo de aventura realizada pela “Amazônia Aventura cia de desenvolvimento humano”, com as diretrizes de utilização do Parque Estadual do Utinga, em Belém do Pará. A partir da análise dos documentos oficiais produzidos e do portfólio de atividade no programa de treinamento de condutores, concluímos que existe normas rígidas de utilização do parque e que há grandes possibilidades para educação ambiental, através das práticas corporais ligadas a atividades físicas, do lazer, da contemplação e do turismo. Diante disso, é relevante que possamos entender as potencialidades amazônicas e estabelecer o diálogo com o restante do país, em um momento de ataques ao homem e a natureza em nossa região.

Palavras Chaves: Amazônia, Parque Ambiental, Formação de Condutores.

Abstract

The objective of the article is to understand the articulation of the training of adventure tourism drivers carried out by the “Amazônia Aventura cia de human development” with the guidelines for the use of the Utinga State Park, in Belém do Pará. official documents produced and the activity portfolio in the driver training program, we conclude that there are strict rules for the use of the park, there are great possibilities for environmental education through bodily practices related to physical activities, leisure, contemplation and tourism. Therefore, it is important that we can understand the Amazon potential and establish a dialogue with the rest of the country, at a time of attacks on man and nature in our region.

Keywords: Amazon, Environmental Park, Training of Conductors.

Resumen

El objetivo del artículo es comprender la articulación de la formación de conductores de turismo de aventura que realiza la “Empresa de desarrollo humano Amazônia Aventura” con los lineamientos para el uso del Parque Estatal Utinga, en Belém do Pará. documentos oficiales elaborados y del portafolio de actividades en el programa de formación de conductores, concluimos que existen reglas estrictas para el uso del parque, hay grandes posibilidades de educación ambiental a través de prácticas corporales vinculadas a la actividad física, el ocio, la contemplación y el turismo. Por eso, es importante que

¹ Universidade Federal do Pará.

² Universidade Federal do Pará.

podamos entender el potencial de la Amazonía y establecer un diálogo con el resto del país, en un momento de ataques al hombre y la naturaleza en nuestra región.

Palabras Clave: Amazonas, Parque Ambiental, Capacitación de Conductores.

A peculiaridade da cidade de Belém

Nosso objetivo é compreender como se manifesta a formação de condutores no contexto amazônico, tendo como base a seguinte pergunta: Como se materializa a formação de condutores de turismo de aventura realizada pela Amazônia Aventura cia de desenvolvimento humano, articulada com as diretrizes de utilização do Parque Estadual do Utinga, em Belém do Pará? Nesse sentido, iniciamos a reflexão sobre nosso contexto, observando que para o mundo, a Amazônia está ligada ao verde, uma imensidão verde, ao exótico. Assim, iniciamos a apresentação de nossa identidade com a música Belém-Pará-Brasil.

“Região Norte, ferida aberta pelo progresso, sugada pelos sulistas e amputada pela consciência nacional”(MOSAICO DE RAVENA,1992). Ao longo da história, a região foi relacionada ao fantástico, em que, desde os primeiros invasores europeus, é um lugar a ser explorado, “empacotado” e levado à metrópole. Assim, transportou-se, de forma violenta, homens, mulheres, crianças, fauna, flora e a cultura, ao longo dos cinco séculos brasileiros e é essa nossa ferida aberta pelo progresso ocidental, comprovada pela Comissão Parlamentar de Inquérito da assembleia legislativa paraense (2018), a qual produziu um relatório final intitulado “Danos ambientais na bacia hidrografica do rio Pará” que, no referido ano, debruça-se acerca da contaminação do rio Pará, causado pelo despejo dos rejeitos na produção do alumínio na cidade de Barcarena. A empresa Hydro de origem holandesa nega as acusações e trata de produzir contraprovas, afim de se livrar das responsabilidades, parecendo-nos ser desonesto a empresa seguir padrões de excelência de funcionamento, em seu país de origem, e negar os crimes ambientais, no Brasil. Dessa forma, a comissão recomenda o enquadramento legal da empresa, a recuperação do meio ambiente e o aporte as famílias e comunidades atingidas.

Mais atual é a conclusão do INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, divulgado pelo jornal “Folha de São Paulo”, em que aponta que o desmatamento da Amazônia, em junho de 2019, é 57% maior do que no mesmo mês do ano de 2018 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019). Na contraditória apropriação da Amazônia pelos seres humanos, temos algo de diferente no “verde” da Amazônia brasileira. Há algo “cinza” mesclado ao “verde”. Temos capitais com milhões de habitantes nos estados que compõe a Amazônia Legal brasileira, dentre eles o estado do Pará e sua capital Belém, que está inerentemente ligada ao verde, ao exótico e, por vezes, ao fantástico. Sendo assim, concordamos com Figueiredo et al (2013), à medida que entendemos que o meio ambiente é formado não apenas por floresta, rios e animais, mas também por seres humanos, construções, estradas e as relações sociais e políticas as quais estamos imersos.

Assim, podemos ver Belém, uma cidade verde-cinza, urbana, metrópole, povoada, populosa, com belezas históricas e mazelas de igual historicidade. Neste mundo fantástico, podemos estar caminhando no comércio da cidade, às 10 horas da manhã, com a leve sensação térmica de 35° a 40°, ao mesmo tempo se o “transito deixar”, em 40 minutos ou em uma hora, podemos chegar a algum igarapé ou mesmo atravessar de barco a baía do Guajará e ir a uma das ilhas que cercam a cidade, como a ilha de Cotijuba, Outeiro, Mosqueiro ou Cumbú, como podemos observar no mapa:

Imagem 01: Belém e sua relação com a Amazônia.



Fonte: Google Maps(2022).

Nesse complexo e interessante quadro humano, citadino e florestal, temos o Parque Estadual do Utinga (PEUT). Classificado como área de proteção integral, o parque passou por várias transformações ao longo da história da capital, a área sempre esteve sob a preocupação dos governos locais. Um dos primeiros registros históricos foi o de 3 de setembro de 1881, quando aprovado o Estatuto da Companhia de Águas do Grão-Pará. A companhia de origem inglesa demarcou o território onde estão os mananciais “Água Preta” e “Bolonha”(PARÁ, 2013). Essa necessidade de abastecimento da cidade e da região metropolitana marcou a trajetória do espaço que, ao longo da história teve sua ocupação e uso influenciado pela cidade que crescia no seu entorno. A estrada de ferro Belém-Bragança deu origem a Br 316, aumentando a ocupação e a pressão Urbana. Hoje parte do território do PEUT deu origem ao prolongamento da avenida João Paulo II, que passa ao lado do parque e corta parte dele.

A cidade cresceu e o parque cada vez mais foi sendo inevitavelmente incorporado ao cotidiano da metrópole. Exemplo dessa simbiose é que hoje os mananciais podem ser vistos por quem trafega pela avenida João Paulo II. Estes elementos podem ser vistos nas imagens abaixo:

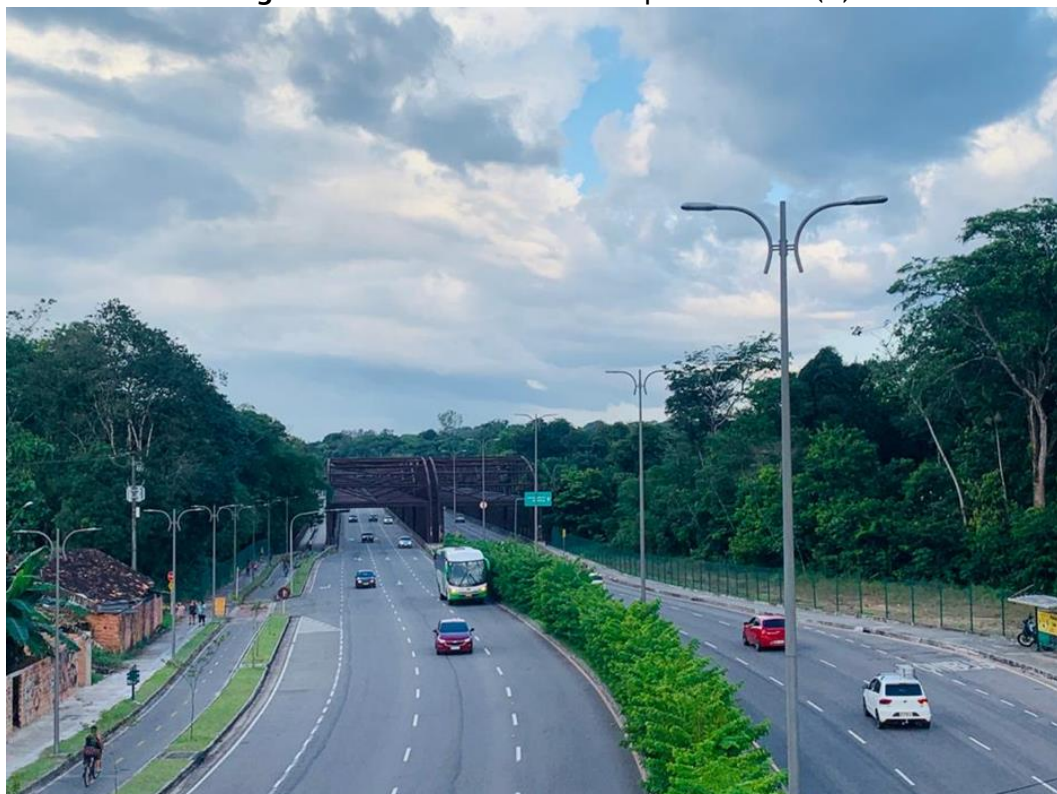
Imagem 02 - O PEUT e as Avenidas.



Fonte: *Google Maps* (2021).

No mapa, observamos as duas maiores avenidas que dão entrada a cidade de Belém, sinalizada de verde a rodovia federal BR 316 que se liga a Avenida Almirante Barroso, sinalizada em vermelho e, ao lado, em azul, o trecho do prolongamento da Avenida João Paulo II. Nesta imagem, podemos observar que o parque tem parte do seu território secsoiado, formando uma pequena ilha verde do lado oposto a grande área do parque. Abaixo uma visão mais aproximada desse fenômeno:

Imagem 03 - Visões da avenida para o PEUT (A).



Fonte: Marcos Pereira (2021).

Acima, temos a visão da Avenida João Paulo II que corta o Parque do Utinga. Ao centro e a frente, a ponte que divide o parque. A partir dessa divisão, observamos, à direita, sua grande extensão territorial densamente verde e, à esquerda, a ilha verde dialogando com as moradias. Abaixo, continuamos refletindo.

Imagem 04 – Visões da avenida para o PEUT (B).



Fonte: Marcos Pereira (2021).

Acima, mais uma visão da avenida João Paulo II ao PEUT, oportunidade em que os transeuntes podem contemplar parte da beleza cênica do local. A partir das imagens, observamos o verde e o cinza convivendo, mesclando-se e disputando espaço. É nesse conflito, que o modo de vida belenense é criado e desenvolvido, cresce e reproduz uma cultura de preservação necessária. Nesse sentido, temos grandes temores, pesadelos hodiernos que devem ser combatidos, evitados, superados, assim, continuamos o diálogo com uma música ícone de nossa cultura que pode nos ajudar a entender o pensamento do homem amazônida nessa “esquina de floresta-cidade”:

Vão destruir o Ver-o-Peso e construir um shopping center/
Vão derrubar o Palacete Pinho pra fazer um condomínio/
Coitada da Cidade Velha que foi vendida pra Hollywood/
pra ser usada como albergue no novo filme do Spielberg
(MOSAICO DE RAVENA, 1992)

O “Ver-o-Peso”, “Palacete Pinho” e “Cidade Velha” são construções e conjunto de construções, patrimônios históricos, que demarcam a cultura local. A música trata do progresso que engole até o progresso, o progresso transformador e depredador do que existe. Este alerta referente à substituição de cenários históricos de nossa cidade por construções contemporâneas pode não ser o caminho a seguir, se entendermos que é necessário a preservação dos ambientes históricos, culturais e naturais, como é necessário também um outro tipo de progresso, um progresso transformador das consciências e dos hábitos, para a convivência harmônica com a natureza e criação de alternativas aos problemas

econômicos e sociais, com potencialização do que já existe e do que poderá existir. Nesse sentido, o parque ambiental do Utinga pode ser um exemplo de caminhos para essa nova lógica.

O parque estadual do Utinga, o enclave verde no enclave cinza

A partir do plano de manejo do parque estadual do Utinga (2013), encontramos a apresentação do espaço em que se materializa a relação conflituosa-harmônica do cinza com o verde. O Parque Estadual do Utinga (PEUT), que é uma unidade de conservação estadual sob a tutela da Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Pará - SEMA e que é gerida pelo Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (IDEFLO-BIO) que, por sua vez, é uma autarquia responsável pela gestão das florestas públicas, a fim de organizar a produção sustentável e conservação das áreas florestais.

Com relação ao processo educativo, o Parque Estadual do Utinga se constitui como um espaço educativo, pois possui subsídios e possibilidades para o aprendizado, tornando-se um importante aliado para o Ensino de Ciências, debates sobre o meio ambiente, educação ambiental e na divulgação da Ciência. O parque é um importante espaço para discutir e refletir nossa relação com o meio, uma vez que, proporciona a interação de muitos saberes, especialmente a ação do homem sobre o meio ambiente. Para Jacobucci (2008), há dois tipos de espaços não formais (ENF): a) os institucionalizados, que são planejados e oferecem a estrutura física e corpo técnico de monitores para a prática educacional; b) e os não institucionalizados, que não dispõem de uma estrutura preparada para este fim, contudo, se for dentro de um planejamento intencional, poderá se tornar um espaço educativo e construção de conhecimento. Nesse sentido, o PEUT é como um Espaço Não Formal (ENF) institucionalizado, à medida que dispõe de uma estrutura voltada para dar base ao processo educativo com trilhas interpretativas, museu e mostras orientadas, que são elementos que materializam a proposta do parque para educação do público.

O PEUT de bioma Amazônico tem como objetivo a preservação do ecossistema e fomentar pesquisas e a apreciação turística, bem como atividades de lazer e culturais relacionados à educação ambiental. Sua área de 1.393,088 ha, equivalente a 1400 campos de futebol, está localizada na cidade de Belém, que detém (98%) de seu território e na cidade de Ananindeua com (2%) do território. Abriga dois lagos, o Bolonha e o Água Preta, que abastecem cerca de 63% da população da região metropolitana de Belém (RMB) atingindo 1,5 milhão de pessoas (PARÁ, 2013).

O parque recebe locais e turistas para caminhadas, corridas, passeios ciclísticos ou de patins, com intuito de contemplação, lazer, atividades meditativas, esportivas e esportes radicais, como Rappel e Boia Cross. O ENF institucionalizado, como é o caso do parque do Utinga, é uma tática viva e necessária para dar base a educação ambiental e científica, contribuindo para construção do conhecimento crítico, o que nos leva também à necessidade de pensar a formação de condutores e atuação destes no PEUT.

O parque tem a características de ser um enclave florestal no meio urbano. O endereço é Avenida Papa João Paulo II, s/n, Bairro Curió-Utinga, Belém - PA, CEP: 66.610-770, avenida ao lado da maior e mais movimentada avenida da capital, a Almirante Barroso. Acrescentamos, nessa caracterização, que Belém é uma capital com o movimento de ocupação desordenada muito grande. Dessa forma, nas fronteiras do parque, há conflitos por construção de moradias irregulares, lazer e uso não regulamentados de caça e pesca, deposição de lixo doméstico e esgoto, nos lagos, poda de árvores na área dos linhões de energia da ELETRONORTE (Centrais Elétricas do Norte) e COSANPA (Companhia de saneamento do Pará) (idem, 2013), órgãos que são abrigados com suas estruturas dentro do parque ambiental.

Além de visitas de grupos escolares para conhecer o espaço do parque, através de caminhadas e outras praticas corporais, um exemplo para entendermos a dinâmica viva do parque é a materialização de um novo projeto que iniciou os trabalhos, a partir de setembro de 2018, o projeto "Ver-O-Peut" que consiste em que estudantes do terceiro ano do ensino médio possam entrar em contato com o parque, por meio de palestras com as temáticas relacionadas as Ciências Naturais e suas Tecnologias, cujo o objetivo é a preparação para o

Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). As palestras foram realizadas no auditório do Ideflor-bio, com incursões práticas no Parque Estadual do Utinga. Assim, entendemos que nos espaços não formais institucionalizados são materializados atos educativos que difundem ideias e práticas que relacionam a educação ambiental com o conhecimento científico e visões de mundo transformadoras. Espaços que, através de suas ações e projetos, reforçam um conjunto de mensagens que, por vezes, têm suas características e intencionalidades bem definidas. Todavia, a reflexão sobre os rumos da questão ambiental numa perspectiva crítica é primordial em torno das muitas vozes que concorrem para mudar as formas de pensar e agir das pessoas.

O objetivo das atividades do parque é apontado pela turismóloga do parque ambiental Leticia Freitas: “essas visitas têm como principal função a educação ambiental. Elas promovem a sensibilização e a mudança de atitude com relação ao meio ambiente, inclusive com o estabelecimento de compromissos com a biodiversidade, frente às necessidades de conservação e preservação desse espaço, que é de todos”. (IDEFLOR-BIO, 2018, p.20).

Entretanto, os objetivos no campo dos debates sobre o meio ambiente não acontecem naturalmente, mas são o encontro das relações entre a sociedade e a natureza que geraram o surgimento de subcampos sociais e educacionais, entre os quais está presente a EA, mas que também incluem a gestão ambiental, a sociologia ambiental, o direito ambiental, a economia ambiental e tantos outros novos arranjos (LAYRARGUES e LIMA, 2011). Para os autores Layrargues e Lima (2011), “não é possível delimitar rigorosamente o momento fundacional, a partir do qual se expressou a percepção das distintas correntes político-pedagógicas na Educação Ambiental”. Não podemos considerar a EA neutra, pelo contrário, a política foi o alicerce para a sua construção. Como consequência, é extremamente necessária uma reflexão sobre a própria prática da EA que se acredita e, para isso, é indispensável um olhar mais cauteloso sobre os fundamentos epistemológicos adotados. Não há uma concepção como definição geral e é importante estar atento quanto às propostas “ideológicas” intrínsecas nas suas mensagens.

Para atuação no parque, temos a figura do condutor. Cabe ao parque apontar a direção para a formação destes, uma vez que são os responsáveis pela condução dos visitantes. Assim, o parque, na sua organização interna, tem normas para visitação e utilização do espaço, bem como para atividades econômica desenvolvidas nele, particularmente acerca dos condutores de turismo de aventura temos a “Instrução normativa ideflor-bio n.º04, de 12 de abril de 2017”, assim estabelecemos o diálogo:

Quem quiser venha ver/
Mas só um de cada vez/
Não queremos nossos jacarés/
Tropeçando em vocês/
(MOSAICO DE RAVENA, 1992).

A letra da música dialoga com o documento e a consciência do que temos de belo, que ao mesmo tempo está sujeito a contemplação e a depredação. Desta forma, o documento do PEUT é objetivo em vários pontos ao enfatizar que é responsabilidade do poder público de fomentar políticas para visitação de locais e turistas de modo a garantir a preservação do bioma, a partir disso, a administração do parque é responsável pelo cadastro e autorização dos condutores de visitantes, dessa forma:

Art. 7º Para obter a autorização de uso para condução de visitantes é necessário que o interessado:
I - Tenha idade superior a 18 (dezoito) anos;
II - Seja brasileiro ou estrangeiro residente no Brasil, habilitado para o exercício de atividade profissional no país;
III - Ter escolaridade mínima de nível fundamental completo;
IV - Apresente toda a documentação exigida na portaria específica;
V - Apresente certificados de cursos obrigatórios de acordo com portaria

específica;

VI - Disponha de todo o equipamento necessário, de acordo com a exigência da atividade a ser desenvolvida;

VII - Promovam a unidade de conservação e sua importância e transmitam aos visitantes conhecimentos relacionados à função e objetivos da unidade de conservação. (PARÁ, 2017, p.2).

Destacamos dois pontos na instrução normativa: o item “V” que exige a certificação do condutor, isto é, ele tem que passar por um curso, com exigências para sua posterior atuação. E o item VII, que aponta que os condutores devam ser agentes difusores dos objetivos da instituição. O legislador é mais enfático na “Portaria nº 692, de 04 de agosto de 2017”, que determina que a formação e atuação do condutor, no parque estadual do Utinga, deve estar em consonância com a política de preservação adotado pelo parque e que estes devem conduzir os visitantes cientes da tarefa de alertar qualquer ilegalidade ou irregularidade no parque, contribuindo, assim, para o monitoramento do cotidiano do parque. Além disso, o condutor como contrapartida, deve estar a disposição para contribuir em quatro eventos anuais, quando houver solicitação da administração do parque. Essa contribuição é o exercício de seu trabalho como condutor a visitantes do parque.

Com isso, a partir dos sete pontos elencados acima, mais a análise da instrução normativa e da portaria citada, observamos a necessidade de ênfase nos documentos oficiais, afim de entender as obrigações e direcionamentos para a formação de novos condutores, no sentido de contribuir para o debate mais amplo e profundo sobre a conservação ambiental e o papel de condutor-educador com o público, para que estes sejam aliados no debate sobre os problemas amazônicos e possíveis soluções imediatas e históricas.

Amazônia Aventura Cia. De Desenvolvimento Humano

A “Amazônia Aventura Cia. De Desenvolvimento Humano” (AA) é um dos agentes externos que atua no parque com a condução de visitantes. É uma empresa criada em 2004 e que hoje está com 18 anos de existência, dedicando-se a promover o turismo ecológico e de aventura, eventos e espaços de esportes e práticas corporais ligadas à aventura e ao contato com a natureza, executando a públicos diversos, atividades como boia cross, caminhadas orientadas em parques, arborismo, tirolesa, dentre outras. Tem como objetivo incentivar a integração social e a busca pela melhoria da qualidade de vida em contato com o meio ambiente. Com equipamentos específicos, atuam no Parque Estadual do Utinga e no Parque dos Igarapés em Belém, e, de acordo com a possibilidade do espaço do contratante, os serviços podem ser deslocados para outro espaço.

As atividades acontecem com rigor na segurança, adaptadas ao condicionamento, faixa etária e objetivo dos grupos. Para a AA, seu público-alvo é “Qualquer pessoa que ame a natureza, goste de esportes de aventura e busque desenvolvimento pessoal e profissional”. AMAZONIA AVENTURA (2003).

Diante disso, a “Amazônia Aventura” busca, por meio das atividades de aventura na natureza, ligar o ser humano ao meio ambiente e desenvolver uma atitude de responsabilidade ambiental.

Algumas atividades dirigidas pela AA podem ser apresentadas no seguinte quadro:

Quadro 1: Atividades da Amazônia Aventura.

Atividade	Equipamentos	Características
Boia cross	Boia inflável, Capacete e colete salva vidas	Contemplação Relaxamento
Mergulho	Máscara de mergulho, Cilindro de ar comprimido, Roupas isolantes, Faca de mergulho, Cinto de lastro, Nadadeiras, Colete equilibrador.	Concentração, foco, contemplação.
Tirolesa	Cadeirinha, Capacete, Polia Dupla em	Tensão, desafio,

	Linha, Rolamentada, Corda e Cabo, Mosquetão Oval Aço Trava Rosca, Anel de Fita	superação, autoconfiança, determinação
Rapel	Cadeirinha, Capacete, Mosquetões, freios cordeletes, Fitas tubulares, Par de Luvas, Extensor blocante, kit de primeiros socorros, Proteções de Corda e Apito.	Tensão, desafio, foco, determinação e Superação
Arvorismo/ Arborismo	Cabo de aço, Cadeirinha Mosquetão de rosca, Polias ou roldanas, Fita tubular Luvas, Capacete	Tensão, desafio, concentração, foco, determinação e superação
Trekking/ Trilha	Roupas e calçados para cobrir todo o corpo, Boné, Garrafa com água	Superação, contemplação, determinação.
Corrida Orientação	Bússola e mapa	Foco, concentração, memorização, cálculo, dialogo em grupo.

Fonte: Quadro construído a partir dos arquivos cedidos pela AA.

Além dessas atividades, acrescentam-se, no portfólio: Gincanas, excursões, palestras, consultorias, colônias de férias. Podemos observar que as atividades de aventura promovida pela AA cobrem amplos aspectos das possibilidades humanas de deslocamento em meio líquido, terrestre ou com desafio em altura. Atividades que causam tensão, requerem concentração, superação dos medos, contato inerente ao ambiente natural, equipamentos de proteção e podem resultar na satisfação pessoal, confraternização coletiva, lazer, contemplação e desenvolver valores e sentimento de preservação da natureza.

Outro importante aspecto é o quadro de profissionais que integram a equipe da AA. O quadro é diverso e é composto por seu líder Bruno Borges, chamado de “Bruno Aventura” que é militar, sargento do exército brasileiro e professor de Educação Física. Fazem parte do quadro, biólogos, turismólogos, pedagogos e ex-militares com amplos conhecimentos em sobrevivência na selva, professores de educação física, técnico segurança de trabalho, bombeiros civis, técnico em meio ambiente, engenheiros ambientais e engenheiros florestais. Os serviços e programas da AA são executados no Parque dos Igarapés, Parque Ambiental do Utinga, Fazenda Pirelli, na cidade de Marituba, localizada na região metropolitana de Belém, e uma sede de treinamentos chamada de Fazenda Amazônia Aventura, localizada no Km 3,5, no Complexo da Alça Viária (AMAZONIA AVENTURA, 2004).

Para os novos integrantes do grupo, em junho de 2018, foi ofertado um curso de condutores de turismo de aventura e é, nesse momento, que um dos autores deste artigo conhece a AA, ligação que começa com a vontade de aprender mais sobre as atividades ligadas à natureza. O propulsor dessa busca é o fato de que, durante 6 anos, atividade iniciada em 2013 e encerrada em 2019, ministrou uma disciplina chamada “Ensino dos Esportes Alternativos”, locada no sexto semestre do curso de licenciatura em Educação Física da Escola Superior Madre Celeste (ESMAC), com endereço na cidade de Ananindeua, região metropolitana de Belém.

Essa disciplina, a priori desconhecida, instigou-o a preparação para os programas semestrais, levou-o a observações e pesquisas, bem como experiências com novos esportes e novas práticas corporais ou que não sejam tão comuns, a exemplo do slackline, apineia, thouchbol, futvolei, biribol, handbeach, entre outras, executadas em locais fechados e em espaços ligados à natureza e a trabalhos voltados ao campo escolar e não escolar. Esses contatos e experiências culminaram com a participação do curso de condutor de turismo de aventura promovido pela AA.

A formação de novos condutores de turismo de aventura

No programa da formação, foram ofertados contato com técnicas de primeiros socorros, salvamento aquático, técnicas de sobrevivência em selva, esportes aquáticos junto à

natureza, técnicas verticais e palestras com especialistas na área do turismo e meio ambiente. E a partir dessa experiência, advém a necessidade acadêmica de refletir sobre as bases da formação do curso. Assim, analisamos a documentação sobre o histórico do grupo AA, seus objetivos e os itens do curso de formação.

A AA é integrante da Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA), que é a associação que se articula nacionalmente com mais de 230 entidades que desenvolvem atividades relacionadas ao Ecoturismo e Turismo de Aventura e Natureza. Tem como objetivo garantir a satisfação dos usuários dos serviços e criar um ambiente de viabilidade econômica, social e ambiental (ABETA, 2009). A ABETA é responsável pela gestão e execução do “Programa Aventura Segura” e, com essa direção, a AA aventura é pioneira na região norte na formação de condutores de turismo de aventura.

A formação do condutor de turismo de aventura promovido pela AA segue os princípios apontados pela ABETA que, por sua vez, atende as exigências da associação Brasileiras de Normas Técnicas (ABNT), apresentando, com isso, “Manual do Conductor” para a formação de novos condutores de turismo de aventura.

O Ministério do Trabalho, em seu Cadastro Brasileiro de Ocupações (CBO), aponta o cadastro número 5115 e denomina a atividade “Condutores de turismo” com dois títulos 5115-05 - Conductor de turismo de aventura e 5115-10 - Conductor de turismo de pesca, definindo os condutores como pessoas que:

Conduzem clientes/pessoas nas atividades de turismo pesca e de aventura, tais como: rafting, escalada, trilha, balonismo, etc, operando veículos e equipamentos diversos, descrevendo características físicas, ambientais e históricas do local onde atuam. Organizam, selecionam e preparam materiais e equipamentos necessários à realização das atividades turísticas. Orientam os clientes/pessoas nos procedimentos das atividades turísticas que irão realizar, nas questões de segurança e cuidados com meio ambiente. Dão suporte a clientes/pessoas auxiliando-as, quando necessário. Auxiliam nas vendas divulgando outros tipos de atividades durante a realização dos passeios. Mantém os equipamentos em condições de uso lavando, guardando e realizando pequenos reparos (BRASIL, 2018, p.1).

Nesse contexto, a AA é pioneira na formação de condutores no Pará e Região Amazônica, pautando a formação de novos condutores, a partir das normatizações brasileiras e as necessidades do parque estadual do Utinga e da nossa região. Continuando nosso diálogo com a música Belém, Pará, Brasil:

Aqui a gente toma guaraná/
Quando não tem Coca-Cola/
Chega das coisas da terra/
Que o que é bom vem lá de fora/
Transformados até a alma sem cultura e opinião/
O nortista só queria fazer parte da Nação.
(MOSAICO DE RAVENA, 1992)

Observa-se que, como exposto na letra da música, além da necessidade histórica de busca de integração ao Brasil e da reafirmação cultural aliada ainda a produção e organização e difusão de conhecimento que possam dialogar com as exigências nacionais, a Amazônia Aventura produz uma cultura própria para formação dos condutores. As influências e as diretrizes a serem seguidas são pesadas, admitidas e adaptadas a nossa realidade. Diante disso apresento o currículo do curso de condutores no quadro a seguir:

Quadro 2: Currículo do condutor de turismo de aventura 2018.

Atividade Curricular	Característica do conteúdo e metodologia
Noções de turismo de aventura	Aula expositiva, com debate coletivo e apreensão dos conceitos básicos sobre o turismo de aventura, turismo e comportamento do condutor.
Sobrevivência na selva	Aula na mata, tendo a explicação dos conceitos e técnicas de sobrevivência em meio natural, obtenção de fogo, de comida e água em situação de desorientação e desastres em selva.
Trilhas e caminhadas	Aula Em percurso de trilha com noções de segurança, uso de equipamento e comportamento do condutor.
Primeiros socorros	Noções e exercício de atendimento de sujeitos com entorse, contusões, ferimentos, fraturas e parada cardíaca, bem como em afogamento e soterrados, identificação e transporte de feridos em ambiente hostil.
Contenção de ofídios	Aula expositiva e manuseio de ofídio, diferenciação entre Venenosos e não venenosos a apresentação dos peçonhentos regionais.
Introdução ao mergulho	Aula em meio líquido, experimentando baixas temperaturas, deslocamento aquático, apneia e resgate.
Nós e amarrações	Aula em oficina de confecções de diferentes tipos de nós e amarrações usadas para ligar um ponto ao outro, levantamento de peso e ancoragem.
Acampamento	Aula em espaço aberto com vivência de levantamento de acampamento, segurança coletiva e regras de uso do espaço.
Técnicas verticais	Aula expositiva e com vivência das técnicas de rapel e utilização segura dos equipamentos.
Recreação	Vivências lúdicas de jogos e brincadeira, a fim de agrupar e dar sentimento de coletivo ao grupo

Fonte: Quadro construído a partir do curso de formação de condutores de turismo de aventura realizados pela AA.

Com esse leque de temáticas na formação dos condutores, compreendemos que as atividades de aventura, na natureza, sempre podem nos colocar em frente de situações de perigo. Estas podem ir desde bolhas no pé até fraturas e contato com animais peçonhentos e venenosos. Por ser inerente à atividade, o diálogo com os participantes é central, primeiro no que diz respeito à preparação com vestimentas que cobrem todo o corpo, protetor solar, bonés e água, cuidados necessários em atividades que requerem contato com as matas e florestas e exposição ao sol, assim, protegendo o corpo de picadas de inseto, contato com plantas venenosas, desidratação e insolação.

Após a preparação, é estabelecido o diálogo a fim de conter os impulsos curiosos dos participantes, uma vez que, em trilhas e caminhadas de percursos longos ou curtos, o espírito aventureiro pode prevalecer e alguém se deslocar sem a orientação do condutor e se perder em um ambiente que pode ser hostil. Para isso, os grupos são acompanhados por mais de um condutor, a fim de garantir mais segurança. Além disso, concordamos com Silva (2009) que afirma: “Curtir a aventura não significa colocar-se em risco de forma irresponsável e inconseqüente.” O aventureiro tem que ter mente que há um planejamento posto em marcha e o objetivo é nos divertir e aproveitar a paisagem, superar os limites individuais e contruir boas relações com o grupo e a natureza. Não está, nos planos, o risco de acidentes.

O condutor está alerta para a segurança dos equipamentos, boias, coletes salva vidas, sinalizadores, apitos. Porém, algo pode fugir do controle, por isso, em atividades aquáticas, as técnicas de resgate e salvamento são acompanhadas das técnicas de respiração boca-a-boca, massagem cardíaca e obtenção de fogo, em caso de hipotermia.

A construção de abrigos, purificação de água, obtenção de nutrientes e sinalização para pedir ajuda, são técnicas valiosas, caso o caos se instale e tenhamos que passar a noite com poucos recursos e em local desconhecido.

Os elementos básicos para formação de um condutor de atividades, na natureza,

exposto acima, vai ao encontro da legislação que exige que o condutor tenha uma formação específica e com competências mínimas. O programa de formação de condutores de turismo de aventura, promovido pela AA, supre as exigências e as diretrizes do parque estadual do Utinga, a partir da portaria nº 692, de 04 de agosto de 2017, e do documento sobre a “Revisão do Plano de Manejo do Parque Estadual do Utinga” de 2013 e também segue as diretrizes da ABETA para formação de condutores de turismo de aventura. Convergência no atendimento dessas normas que destacamos em sete pontos:

- 1- O sentimento de responsabilidade com o meio ambiente.
- 2- Responsabilidade do condutor com a segurança e satisfação do visitante ou grupo de visitantes.
- 3- Domínio das técnicas de primeiro socorro, salvamento e resgate.
- 4- Manuseio de ofídios e peçonhentos no caso de encontro com estes no meio natural.
- 5- Prontidão em atender o visitante, seja local ou turista, bom humor e pensamento rápido na resolução de eventuais problemas.
- 6- Domínio no manuseio dos equipamentos para as atividades e checagem rigorosa dos meios de segurança.
- 7- Orientação em espaços de mata e meio natural para poder voltar em segurança em caso de desorientação espacial, bem como obtenção de fogo, água e nutrição caso seja necessário.

A partir dos elementos postos à formação do condutor, observamos que condutor bem formado pode contribuir para melhoria da qualidade de vida dos visitantes, valorizar o ambiente natural dentro da cidade e alertar para preservação que é essencial para melhoria do clima e do ar e, no caso específico, a preservação do manancial hídrico da capital, além de oportunizar momentos de ocupação do tempo em atividade de esporte, lazer e turismo que incidem na melhoria da condição de vida, seja através de ativação fisiológica, relacionamento em grupo ou encontro com a natureza de forma meditativa, contemplativa ou lazer.

Atividades desenvolvidas no parque

Os condutores formados pela AA atuaram no parque estadual do Utinga, onde são desenvolvidas várias práticas de esportes e atividades ligadas à natureza. O parque é de livre acesso a ciclistas, patinadores, caminhantes, corredores, turistas e habitantes locais. No entanto, algumas atividades são organizadas pela iniciativa privada, que é o caso da AA aventura que oferta a condução em percursos terrestres e aquáticos, bem como atividades que envolvem escaladas. Nessas atividades, os condutores consolidam o conhecimento do curso em um período de estágio. Algumas imagens que demonstram essa dinâmica:

Imagem 05: Stand Up Paddle e Canoagem



Fonte: Parque do Utinga (2021)

Imagem 06: Ciclismo



Fonte: Parque do Utinga (2021)

Imagem 07: Corrida e Caminhada



Fonte: Parque do Utinga (2021)

Imagem 08: Acquaride



Fonte: Parque do Utinga (2021)

Considerações finais

A nossa peculiaridade paraense e belenense é fantástica, forte e rica, com danças, linguajar, religiosidade, mitos, músicas de significado peculiar e identificador cultural, como na letra da Ravena:

Ah! chega de malfeituas/
Ah! chega de tristes rimas/
Devolvam a nossa cultura!/
Queremos o Norte lá em cima!/
Por quê? Onde já se viu?/
Isso é Belém!/
Isso é Pará!/
Isso é Brasil!/
(MOSAICO DE RAVENA, 1992)

Músicas com letras como apresentada ao longo da exposição das ideias, no artigo, ajudam a expressar nossos desejos, sentimentos e projetos e fazem catarse do nosso “eu” cultural, social e coletivo e catalisam sentimentos, caminhos e soluções superadoras. A contradição de termos um espaço de conservação ambiental, ao lado da maior e mais movimentada avenida da capital, é tido como positivo e oportuniza vivências corporais junto à natureza, remodelamento da paisagem urbana, construção de regras de convivência e acolhimento da população urbana para educação ambiental.

Nossa história requer atenção e cuidado. Estamos vivendo em uma área de interesse internacional com recursos hídricos, florestais, minerais e biológicos que se encontram em abundância e devem ser preservados.

Habitamos em uma região conhecida mundialmente pelo verde florestal que nos cerca e proporciona experiências dinâmicas, com rica biodiversidade, atraente principalmente para estudos do ambiente. Esse meio natural pode ser explorado de modo racional e voltado para o bem-estar geral, como podemos visualizar no parque estadual do Utinga. Assim, conservação pode caminhar com a geração de renda e formação de novos campos de trabalho, a exemplo da formação de condutores de turismo de aventura, que incide na educação ambiental, a partir da acolhida e condução dos visitantes nas atividades do parque.

No processo de formação de novos condutores de turismo de aventura, temos a consonância perpectivas de formação propostas pelo PEUT e pela BETA. Dessa forma, há uma formação promovida pela AA que dialoga com os padrões exigidos localmente e nacionalmente, porém o item educação ambiental deve ser mais explorado nas 80 horas de curso. Assim, Apontamos a necessidade de um debate mais profundo sobre preservação, sustentabilidade e educação ambiental que, embora perpassa por todos os itens de formação, é necessária uma discussão específica pela complexidade da temática. Devemos pensar a Amazônia como área de interesse internacional, que vem sendo constantemente desmatada e poluída por explorações irracionais e irresponsabilidades governamentais no presente momento. Devemos ainda entender a Amazônia como território historicamente habitado e

pensado politicamente por sociedades indígenas, comunidades quilombolas, seringueiros, trabalhadores rurais e ambientalistas, povos e sujeitos históricos que vem sendo ameaçados e assassinados em toda Amazônia.

Os problemas ambientais estão arraigados no contexto histórico, social e econômico de nossa sociedade, em decorrência direta do modelo socioeconômico dominante, mas, para alterá-los, não são suficientes ações locais que buscam sensibilizar um grupo ou que promovam pequenos movimentos, assim também, não há resultados positivos em discursos comportamentalistas de indivíduos na tentativa de minimizar os efeitos do alto consumo de bens e suas consequências.

Contudo, cabe-nos contínuas reflexões, trazendo à luz dos debates o cerne da questão para um olhar crítico que ataca e discute o modelo que sustenta as causas dos problemas ambientais e sociais, sabendo que são possíveis, por meio da ênfase numa educação crítica, caminhar para uma transformação desejada, isto exige além de não se conformar com o atual cenário apontar para um complexo conjunto de mudanças congruentes com o pensamento crítico.

E a pressão aumenta com o desmanche promovido pela atual gestão do governo federal, iniciada a partir de 2018, que, entre outras características, trabalha para a sectarização e discriminação de regiões do país, somado ao sucateamento do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e outros Órgãos de fiscalização. Resta-nos, como alternativa, desenvolvermos a consciência de que a Amazônia e seus povos tradicionais estão sendo digeridos de forma vil e planejada pelo metabolismo do capital. Sem essa compreensão, a formação de novos condutores é deficitária.

Por fim, estamos em um centro de atenção mundial e estudar e produzir conhecimento acerca das nossas potencialidades nos ajuda a construir um futuro melhor para a cidade, para a região, observando nossa peculiaridades e potencialidades, como não nos faz esquecer a música “Belém - Pará- Brasil.”

Referências

ALEPA, Comissão Parlamentar de Inquérito “**Danos ambientais na Bacia hidrográfica do rio Pará**”, Relatório final, 2018.

AMAZÔNIA AVENTURA Cia. de Desenvolvimento Humano. **Portifolio de atividades de aventura**, 2004.

ABETA. **Manual de boas práticas de competências mínimas do condutor de turismo de aventura**. Ministério do Turismo. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2009.

BRASIL. Ministério do trabalho, **Cadastro Brasileiro de ocupações**, 2018.

Disponível em <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>> acesso em 10/09/2018.

FIGUEIREDO. Silvio *et al.* Lazer, esporte e turismo: importância e uso das áreas verdes *in* **Revista Licere: Lazer, Esporte e Turismo**, Belo Horizonte, v.16, n.1, mar/2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Desmatamento da Amazônia em junho é 57% maior do que no mesmo mês de 2018**. disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/desmatamento-da-amazonia-em-junho-e-57-maior-do-que-no-mesmo-mes-de-2018.shtml>> acesso em 22/07/2019.

IDEFLOR-BIO, **Informativo Mensal**, Edição N.27 - Ano 4 - Maio de 2018.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em Extensão**, Uberlândia v.7, 2008.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. A. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da Educação ambiental contemporânea no Brasil. *in VI Encontro “Pesquisa em Educação Ambiental” A Pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil* Ribeirão Preto, setembro de 2011.

PARÁ. **Revisão do Plano de Manejo do Parque Estadual do Utinga** / Secretaria de Estado de Meio Ambiente.; Belém: IMAZON, 2013.

PARÁ. **INSTRUÇÃO NORMATIVA IDEFLOR-BIO N.º04, de 12 de Abril de 2017**. Dispõe sobre normas e procedimentos administrativos relativos à prestação do serviço de condução de visitantes nas unidades de conservação estaduais, 2017.

RAVENA, Mosaico. Belém-Pará-Brasil. ALBUM “**Cave Canem**”, 1992 (Letra de Música). Disponível em < <https://www.letras.mus.br/mosaico-de-ravena/268048/> > acesso em 10/09/2018.

SILVA, Melina. **Emergência em corridas de aventura: prevenção e o primeiro atendimento especializado**. Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Marcos Augusto Carvalho Pereira

Mestre (Programa de Pós-Graduação em Educação(PPGED)/ Universidade Federal do Pará (UFPA)), Doutorando no Programa Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas(PPGECM)/ Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI/ UFPA).E-mail: professormarcospereira@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2718-5255>

Ariadne da Costa Peres

Doutorado em Ciências Sociais/Universidade federal do Pará (UFPA) , professora Adjunto IV na UFPA, professora do Programa Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM)/ Instituto de Educação Matemática e Científica(IEMCI/ UFPA). Belém, Pará, Brasil. E-mail: acpcontentepereira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9228-3690>

Recebido em: 05/08/2022

Aprovado em: 31/05/2023

Publicado em: 23/06/2023